

RESENHA

A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias

Eunice Andrade de Oliveira Menezes¹

O livro em tela, da pedagoga e doutora em Antropologia, Adriana Friedmann, aborda uma riqueza conceitual de temas complexos e atuais, enfocando as crianças como sujeitos sociais plenos, a partir da Antropologia da Infância. A obra é organizada em oito capítulos, além do prefácio, a apresentação, o posfácio e uma lista de diversas iniciativas brasileiras empenhadas em pesquisas e projetos para as infâncias². Todas as seções são bem articuladas, de forma que a obra apresenta um todo coeso e coerente, com escrita leve, sem, contudo, prescindir de sólido embasamento teórico e metodológico na área mencionada e em áreas afins.

A seção *Às crianças de todos os cantos* 'abre' o escrito, espaço no qual a autora discute dimensões políticas, pedagógicas, éticas e estéticas que contornam as vozes, os fazeres e querer das crianças, assim como sua capacidade de se embrenhar nas territorialidades das infâncias, neste imenso Brasil. Segue-se o prefácio, assinado pelo antropólogo belga, Jean-Pierre Rossie, que realça o valor científico e pedagógico do livro, ao destacar sua mensagem fundamental: mais do que considerar as crianças e aprender com elas, é preciso respeitar seus mistérios, além de considerar o que elas produzem e expressam.

O livro é apresentado pela própria autora, que discute como os temas crianças e infâncias têm ocupado várias áreas do conhecimento, contemplando objetos de estudo cada vez mais diversificados. Muitos debates, entretanto, não ultrapassam o domínio teórico, de maneira que interesses, informações e conhecimentos sobre as crianças e as infâncias acabam não se tornando uma prioridade das políticas públicas e da sociedade, transformando-se em estandartes e até modismo, como a autora critica.

O primeiro capítulo, *Memórias e raízes multiculturais infantis: a importância das histórias de vida*, trata da relevância das narrativas autobiográficas, partindo das infâncias como referências dos grupos sociais humanos. Destacamos nessa parte do escrito a importância que a autora confere aos processos de autoconhecimento, possibilitados pelas histórias de vida, para que o (a) adulto (a), além de escutar melhor as crianças, possa também aprender a escutar a si próprio (a), com base em sua biografia. Aqui inaugura-se a seção *Para refletir*, uma forma instigante de suscitar no (a) leitor (a) o posicionamento

¹ Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE – Brasil. E-mail: eunicemenezes@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8383-5588>.

crítico sobre os grandes temas que norteiam o livro, estilo esse que se sustenta até o último capítulo.

Os essenciais da infância, segundo capítulo, discute os conceitos de infâncias e criança, como construções sociais impermanentes, ou seja, sempre em transformação, de forma que as diversas significações que eles assumem historicamente são problematizadas pela autora, em uma sobreposição do cunho antropológico ao psicológico. Assim, os contextos geográfico, sociocultural, escolar e familiar, que orientam o olhar sobre as crianças e as infâncias, são ricamente discutidos nesta seção. A autoria, o protagonismo e a participação infantil, tão negados às crianças, têm grande destaque nessa parte do escrito, associados ao desafio de adentrar aos universos infantis com olhar investigativo e respeitoso, de forma que o mundo adulto aprenda a escutar as crianças.

Infâncias das crianças no século XXI: singulares, universais, complexas, multiculturais, o terceiro capítulo, é o espaço no qual a autora discorre sobre a complexidade das infâncias na contemporaneidade, bem como acerca da importância do conhecimento multidisciplinar e multissetorial sobre as crianças, para que elas possam ser compreendidas em toda a sua plenitude. Friedmann discute ainda as implicações dos ambientes, da grande mídia, da indústria, da desigualdade social, da violência urbana para o universo infantil. Por outro lado, a autora realça formas de vida de crianças ribeirinhas, quilombolas, indígenas, das que vivem em comunidades rurais, espaços por meio dos quais elas podem usufruir de mais liberdade, uma vez que conseguem ter repertórios lúdicos mais livres e diversificados, que retratam seus costumes e culturas locais. O capítulo é enriquecido pela diversidade de contextos geográficos e culturais que a autora apresenta, nos quais as crianças trilham suas infâncias, o que caracteriza ainda mais o enfoque antropológico do escrito.

O objetivo do quarto capítulo, *Expressões infantis: linguagens não verbais, culturas e narrativas diversas*, nos parece ser intensificar o debate acerca da multiplicidade de linguagens das crianças por meio de sua corporeidade. Assim sendo, a autora apresenta subseções nas quais esmiúça diversas possibilidades de expressões infantis, a partir das artes plásticas, do desenho, da literatura, do teatro, da música e das brincadeiras populares, estas reconhecidas como rituais que compõem arquétipos culturais reveladores da essência das crianças. A autora ainda apresenta brevemente o Mapa do Brincar, um projeto do suplemento infantil Folhinha, do qual participou, em parceria com outros (as) pesquisadores (as), empreendendo um rico levantamento sobre brinquedos e brincadeiras populares que fazem parte do repertório infantil brasileiro, a partir de narrativas das crianças.

No quinto capítulo, *Complexidade do ser criança: temperamentos, interesses e vínculos*, a autora parte dos pressupostos teóricos dos sociólogos Edgar Morin e Zygmunt Bauman, que ajudam a alargar o olhar limitado dos adultos sobre as crianças, pois entendem o ser humano como um sistema vivo, constituído complexamente de sua relação interdependente com o mundo. A vida líquida, conceito de Bauman, também afeta o universo da criança, como a autora explica, pois na sociedade atual tudo é efêmero e sem valor, de forma que as oportunidades de as crianças fruírem do contato com a natureza e

de produzirem suas culturas de infância acabam sendo suprimidas. Segundo a autora, as conceituações desses pesquisadores são extraordinárias para que possamos construir novos olhares sobre as crianças, pois tomar consciência de que as relações humanas, os eventos e episódios são cada vez mais dinâmicos e descartáveis pode colaborar para que desejemos algo melhor para nossas crianças.

Nesse mesmo capítulo, ao tratar do quanto os cinco sentidos estão aguçados nas crianças pequenas, a autora introduz o pensamento do filósofo e educador Rudolf Steiner, sobre a Antroposofia, um método de estudo da natureza do ser humano, pautado nos aspectos da alma e da sensibilidade. Adriana Friedmann discorre muito brevemente sobre os doze sentidos defendidos por Steiner: os básicos, que são desenvolvidos nos sete primeiros anos de vida e permitem à criança ter noção de si própria, vivenciar sensações de bem ou mal-estar e ter conhecimento de seu corpo; os intermediários, que são desenvolvidos entre os sete aos quatorze anos de idade e ampliam as sensações, as emoções e os sentimentos, sendo veiculados pelo ar, os sabores, o contato com a luz e a experimentação de temperaturas diversas e os superiores, que se formam dos quatorze aos vinte e um anos, possibilitando relações mais sólidas com as pessoas e consigo mesmo. Ainda no capítulo em questão, Friedmann aborda resumidamente as consequências de uma formação docente que desconsidera as mensagens das crianças e suas possibilidades de trabalhar seu próprio desenvolvimento. Essa é uma discussão muito pertinente, pois a autora se debruça sobre algo que historicamente é subalternizado nos processos formativos de educadores: ouvir as próprias crianças como fontes de conhecimento que ultrapassam qualquer teoria ou metodologia de ensino.

Olhares diversos sobre as crianças e as infâncias: as crianças e seus mundos, o sexto capítulo, tem uma importância crucial no livro, pois ressalta o papel da Antropologia na escuta sensível às crianças e a tudo que elas nos comunicam. Nessa parte do escrito constam referências básicas da Antropologia da infância, principalmente com base nos estudos de Margaret Mead. Friedmann enfatiza a riqueza dos dados etnográficos recolhidos por Margaret Mead, sobre crianças de sociedades não ocidentais, assim como apresenta a defesa dessa antropóloga de que a criança não nasce imersa em uma cultura determinada, mas que isso se dá por meio de um processo educacional que envolve cultura coletiva e culturas infantis. De forma bastante concisa, no mesmo capítulo, há ainda menção à Sociologia da Infância, sob a ótica de cientistas sociais, como Manuel Sarmiento e Manuel Pinto, e os sociólogos Alan Prout e Chris Jenks. Os primeiros, lançam olhar investigativo sobre a natureza da produção das culturas infantis, defendendo uma mudança atitudinal, metodológica e ética nas pesquisas com crianças, colocando-as as como ponto de partida para o estudo da realidade das infâncias e tirando-as de um lugar marginal nas ciências sociais. Tratando-se de Prout e Jenks, são discutidos seis princípios resultantes de pesquisas desses investigadores, que são muito relevantes para que um novo paradigma do estudo social da infância possa emergir, ou seja: a infância é uma construção social, que foge a um processo natural e universal; modifica-se de acordo com cada sociedade, por isso deve ser considerada variável de análise social; as culturas infantis e as relações que as crianças estabelecem com seus pares merecem estudos em si próprias; a vida social

das crianças precisa ser protagonizada por elas mesmas; a pesquisa etnográfica pode contribuir para revelar a infância socialmente estruturada, pois possibilita a participação das crianças na produção de dados sociais; um novo paradigma da Sociologia da Infância precisa incluir a reconstrução da infância na sociedade.

O capítulo seis é arrematado com breve exposição de ideias do escritor Johann Wolfgang von Goethe, do psicanalista Donald Woods Winnicott e do psicólogo Lev Vigotski. De Goethe aborda-se a premissa de que a alma humana pode ser compreendida por meio da percepção sensorial. A ideia de Winnicott destacada foi o conceito de *self*: para que possa se constituir como indivíduo, o ser humano carrega um potencial inato, mas, necessita de um ambiente facilitador para amadurecer. Já Vigotski foi referido, em específico, no que concerne ao papel da cultura e das interações para o desenvolvimento intelectual das crianças. Apesar da relevância dos temas tratados no capítulo em tela, consideramos que a menção a uma grande variedade de autores impediu que a autora adensasse as contribuições da Antropologia da Infância e da Sociologia da Infância, apresentando, por exemplo, métodos e procedimentos que lhes são comuns e que podem ser usados em processos de escuta das crianças.

Tratando-se do capítulo *Delicadezas do escutar as crianças e seus mundos: respeito, ética, presença e comunicação*, seu principal enfoque é o cuidado ético nos processos de escutar e dar voz às crianças, tema que realmente não poderia estar ausente dessa obra. Conforme a autora, a ética abre espaço para a liberdade, sendo propulsora de transformações sociais, uma vez que difere de normas e regras instituídas. Assim, os processos de escuta de crianças precisam contemplar princípios éticos que envolvam o respeito aos seus tempos e espaços, suas emoções, sua intimidade, sua autoria e seu anonimato. Um dos primeiros cuidados éticos apontados pela autora na escuta de crianças, é o de pedir licença para adentrar em seus territórios e tempos, pois, ao tomarmos essa atitude, estabelecemos um vínculo de confiança que possibilita o diálogo com elas. Paralelamente à discussão, Friedmann enriquece ainda mais o capítulo com propostas de escuta às crianças, com base em sua larga experiência nesses processos. Dessa forma, apresenta diversas comunidades multidisciplinares, nas quais atuou junto a outros pesquisadores, dedicando boa parte do capítulo à descrição de algumas investigações desenvolvidas no âmbito da comunidade Vozes da Infância Brasileira-VIB, entre 2014 e 2016, com crianças que moram em áreas urbanas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Ainda nesse capítulo, a autora apresenta alguns princípios éticos e procedimentos metodológicos que foram considerados nas investigações desenvolvidas no âmbito da VIB, de forma que a leitura se torna ainda mais prazerosa e fecunda, haja vista a contribuição formativa para educadores (as) e pesquisadores (as) das infâncias, assim como outros (as) sujeitos educativos interessados (as) no tema. Portanto, consideramos que nessa parte do escrito há melhor equilíbrio entre informação, descrição, análise crítica e propostas metodológicas, em uma ordenação lógica que favorece a compreensão dos temas discutidos.

No último capítulo, *Perspectivas e desafios: acolher conhecimentos e produções das crianças*, Adriana Friedmann traz alguns desafios que se apresentam em processos de

escuta das crianças, vividos pelos (as) profissionais que com elas atuam, considerando os paradigmas educacionais contemporâneos. Assim, é imprescindível a esses (as) profissionais vivenciar processos de autoconhecimento que os (as) ajudem a possibilitar às crianças a expressão de suas linguagens verbais e não verbais, que extrapolem os seus repertórios, mas que também os considerem. Para a autora, configura-se desafio igual transmitir o patrimônio cultural da humanidade às crianças, incentivando-as à ressignificação das culturas atuais, com base em escuta, observação e registro de suas necessidades, interesses e potenciais. Confrontar-se com esses desafios contribui para sua superação, mesmo que isso não garanta a constituição de infâncias felizes para todas as crianças.

O posfácio nos presenteia com uma emocionante carta de Adriana Friedmann para uma criança vindoura, escrito esse que encanta o (a) leitor (a) com seus contornos poéticos. Inferimos nesse escrito um diálogo no qual as vozes saudosas da criança que fomos se encontram com as vozes poéticas das crianças que agora são, e das que ainda chegarão neste mundo. Nesse diálogo, misturam-se pedidos de “Olhe para mim” e discursos vigorosos, como “Eu penso por mim mesma!”.

Consideramos que o livro, objeto desta resenha, constitui leitura imprescindível para todos (as) que se sintam verdadeiramente sensibilizados (as) a ouvir as vozes das crianças, como professores (as), pesquisadores (as), profissionais da saúde, entre outros, pois é cada vez mais necessário conscientizar os atores sociais sobre a necessidade de interpretar os universos sociais e culturais das crianças, a fim de superarmos a racionalidade adultocêntrica que nos imobiliza nessa direção. Assim, o esforço analítico e crítico que Adriana Friedmann realizou em *A vez e a voz das crianças*, ancorada na Antropologia da Infância, em confluência com outras áreas do conhecimento, legitima a qualidade da obra e fomenta o desejo de novas incursões em leituras que abordem com a mesma sensibilidade e riqueza teórica a luta pela emancipação social da infância.

Referência

FRIEDMANN, Adriana. *A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias*. São Paulo: Panda Books, 2020.

Como citar este documento:

MENEZES, Eunice Andrade de Oliveira. A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias (Resenha). *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 30, e14453, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rep.v30i0.14453>.